

UNISALE PrivAÇÃO de Liberdade: Rompendo Estigmas e Barreiras no/com o Ensino de Línguas

UNISALE Deprivation of Freedom: Breaking Stigmas and Barriers in/with Language Teaching

VALDENI DA SILVA REIS (UFMG)¹
LUDIMILA EDUARDA PIMENTA MOREIRA (UFMG)²
LORENA KÉSSIE SILVA DO AMPARO (UFMG)³

Resumo: O projeto de extensão UNISALE Parceria Universidade-Escola busca levar a universidade para além de seus muros, atuando em contextos socialmente marginalizados, como escolas periféricas, comunidades rurais e espaços de privação de liberdade. Atualmente, o Projeto está focado em sua edição UNISALE PrivAÇÃO de Liberdade, destinada a atender instituições do sistema prisional e de unidades socioeducativas no estado de Minas Gerais e da Bahia. O presente trabalho objetiva discutir possibilidades de mudanças sociais e educacionais por meio da relação e da colaboração genuína entre a universidade e a escola pública brasileira em contexto de privação de liberdade. De modo mais específico, pretendemos analisar as ações realizadas pelo projeto em duas unidades prisionais, sendo uma localizada na região metropolitana de Belo Horizonte/MG e a outra em Barreiras/BA. Teoricamente, baseamos nossas reflexões nos escritos de Larrosa (2011), ao tratar de experiência e alteridade; em Goffman (2004), sobre estigma e identidade; e em Coracini (2003; 2007), sobre identidade e ensino de línguas. A metodologia adotada ancora-se em uma abordagem qualitativa interpretativista, com princípios e procedimentos da Análise de Discurso franco-brasileira para geração e análise do *corpus*. Para tanto, serão analisadas ações do projeto como jornadas em preparação para entrada nas unidades de privação de liberdade, visita técnica e trabalho de campo em unidade prisional. Além disso, serão analisados material didático-pedagógico produzido via projeto e utilizado em contexto de privação de liberdade, bem como as implicações de cada ação aos participantes do projeto, professores, alunos do contexto de privação de liberdade e bolsistas. Resultados preliminares indicam que o projeto constrói uma rede colaborativa que ultrapassa fronteiras subjetivas, físicas e territoriais, atuando de forma significativa em grupos sócio e educacionalmente estigmatizados e esquecidos.

Palavras-chave: Extensão universitária; Ensino de línguas; Privação de liberdade; Estigma; Identidade.

¹ Professora Adjunta (Linguística Aplicada - Inglês) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (POSLLIN). Mestre em Linguística Aplicada pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Doutora em Linguística Aplicada também pela UFMG.

² Graduanda em Letras - Habilitação: Inglês, Licenciatura, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

³ Graduada em Letras Licenciatura Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em 2023.

Abstract: The extension project UNISALE Parceria Universidade-Escola seeks to take the university beyond its walls, acting in socially marginalized contexts such as peripheral schools, rural communities, and spaces of deprivation of freedom. Currently, the project is focused on its edition UNISALE Priv-AÇÃO de Liberdade, which aims to reach institutions of the prison system and socio-educational units in the states of Minas Gerais and Bahia, Brazil. This study aims to discuss possibilities for social and educational transformation through the relationship and genuine collaboration between the university and public schools in contexts of deprivation of freedom. More specifically, it analyzes the actions carried out by the project in two prison units — one located in the metropolitan region of Belo Horizonte/MG and the other in Barreiras/BA. The theoretical framework is based on the works of Jorge Larrosa on experience and otherness, Erving Goffman on stigma and identity, and Maria José Coracini on identity and language teaching. The research adopts a qualitative and interpretative approach, guided by the principles and procedures of the Franco-Brazilian Discourse Analysis tradition, for corpus generation and analysis. The corpus includes actions developed by the project, such as training sessions in preparation for entry into correctional facilities, technical visits and fieldwork in prisons, and didactic-pedagogical materials designed and implemented in contexts of deprivation of freedom. It also considers the implications of these actions for participants—teachers, incarcerated students, and scholarship holders. Preliminary results indicate that the project builds a collaborative network that transcends subjective, physical, and territorial boundaries, working meaningfully with socially and educationally stigmatized and historically silenced groups. The UNISALE project thus reaffirms the social and transformative role of university extension, promoting education as an ethical and humanizing practice.

Keywords: University extension; Language teaching; Deprivation of freedom; Stigma; Identity

PARCERIA GENUÍNA COMO AÇÃO DE LIBERDADE

O projeto de extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulado UNISALE Parceria Universidade-Escola atua em contextos socialmente marginalizados, como escolas periféricas, comunidades rurais e espaços de privação de liberdade. A missão do projeto se configura, desse modo, como atitude de se colocar a serviço de tais comunidades, em um processo de escuta e de ação, para que a universidade extrapole os limites de seus muros, ampliando sua presença em espaços em que parcerias e pontes entre saberes acadêmicos e escolares precisam ser criadas.

Historicamente, o projeto UNISALE Parceria Universidade-Escola trabalhava especialmente com professores de língua inglesa, ofertando ações formativas e colaborativas voltadas ao ensino desse idioma. Entretanto, com o advento da pandemia, novas demandas emergiram de diferentes regiões do Brasil e do exterior, o que impeliu o projeto a expandir sua atuação. Dito de outro modo, até a pandemia do CONVID-19 o UNISALE concentrava suas ações em salas de aulas de língua inglesa no contexto de escolas públicas da região metropolitana de Belo Horizonte, MG. Com a pandemia, e por meio do uso das tecnologias, o projeto pôde chegar a professores de inglês de várias partes do Brasil, e a dois professores de português como segunda língua em Angola, África. Essa ampliação no escopo das línguas atendidas continua na edição atual, voltada à privação de liberdade, trabalhando não apenas com línguas estrangeiras, mas com a linguagem, envolvendo dimensões da arte, da literatura, da produção de sentidos e da autoria — compreendidas como práticas de (re)existência-resistência.

Princípios fundamentais do projeto são a prática atenta da escuta dos professores participantes, a disponibilidade ao nos colocarmos a serviço da demanda ou das necessidades explicitadas por eles, além do trabalho no sentido de fomentar uma parceria genuína (Reis, Campos, 2021) entre a universidade e a escola em suas diversas particularidades. Reconhecemos, com isso, a linguagem como lugar de encontro e da reconfiguração de sentidos e das práticas.

A partir de Reis e Campos (2021), defendemos como genuína a parceria universidade-escola que assume um trabalho em conjunto, engajado e responsável que parte da história que une ou que separa as instâncias e seus sujeitos para que um bem maior seja alcançado. Entendemos, com isso, que, “uma genuína parceria universidade-escola exige, pois, mudança de olhar, no agir e no exercício de se colocar a serviço das necessidades do outro, lá estando presente/presença.” (Reis, Campos, 2021, p. 209).

A parceria genuína implica, portanto, ação comprometida com o outro e com realidades ignoradas ou marginalizadas como gesto libertador. Assim, o projeto reúne seus esforços atualmente com a edição “UNISALE Priv-AÇÃO de Liberdade”, destinada a estabelecer ações de parcerias genuínas com instituições do sistema prisional e de unidades socioeducativas, tanto no estado de Minas Gerais, de modo presencial, quanto no estado da

Bahia, de modo remoto. Nesses espaços, compreendemos que o ensino de línguas assume uma dimensão ética e política, ao se articular com práticas de resistência e de reconstrução de identidades marcadas pelo estigma (Goffman, 2004) e pela exclusão social. As ações estabelecidas por meio de parcerias com o projeto geram, desse modo, práticas comprometidas com gestos de liberdade em meio às amarras, barreiras e estigmas oriundos do cárcere e da vida pregressa de seus internos.

O presente trabalho objetiva discutir possibilidades de transformação social e educacional que emergem das ações promovidas dentro de parcerias genuínas, ao instaurar uma relação colaborativa, capaz de romper barreiras simbólicas e materiais impostas às pessoas envolvidas com o contexto de privação de liberdade. Analisamos, portanto, as ações desenvolvidas pelo UNISALE Parceria Universidade-Escola em duas unidades prisionais — uma localizada na região metropolitana de Belo Horizonte/MG, através de uma visita, e outra em Barreiras/BA, com o desenvolvimento de material didático na língua inglesa —, buscando compreender como práticas extensionistas podem libertar imaginários cristalizados, promovendo deslocamentos de saberes, de afetos e de identidades.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ancoramo-nos teoricamente nos escritos de Jorge Larrosa (2011, 2018) sobre experiência e alteridade, de Goffman (2004) sobre estigma e identidade e de Coracini (2003, 2007) sobre a constituição do sujeito e o ensino de línguas como espaço de subjetivação e resistência. A partir desses referenciais, compreendemos o UNISALE Parceria Universidade-Escola como prática discursiva de escuta, co-presença e transformação, na qual a voz e a experiência tornam-se elementos centrais para a reconstrução de sentidos sobre o outro e sobre si.

Larrosa (2011) define experiência como “isso que me passa”, isto é, um acontecimento exterior que atravessa o sujeito sem que este o capture como objeto. Tal concepção se fundamenta em dois princípios: o da exterioridade/alteridade, que realça a diferença radical entre o evento e o eu, e o da subjetividade/reflexividade, que aponta para o modo como o sujeito se abre, se afeta e se transforma ao ser tocado por aquilo que vem de

fora. A experiência, nesse sentido, tem caráter de passagem, risco e vulnerabilidade, exigindo disponibilidade, silêncio e atenção — condições que contrastam com a lógica da pressa, da opinião imediata e da instrumentalização, que produz o que o autor chama de “pobreza de experiências”. Diferentemente do experimento científico, a experiência não é replicável nem planejável; ela emerge de práticas que favorecem a escuta sensível e a abertura, sendo o professor (ou mediador) menos alguém que transmite saberes e mais aquele que expõe sua própria postura de atenção, inquietude e presença. Essa perspectiva é crucial para pensar práticas educativas que visem transformação subjetiva em vez de mera aplicação técnica.

Goffman (2004), por sua vez, contribui para compreender como sujeitos vivem e negociam identidades em contextos atravessados por estigma. Para o autor, o estigma não está no indivíduo, mas na relação entre atributos e expectativas sociais; é uma construção discursiva que produz identidades “desacreditadas” e atua na micro dinâmica das interações cotidianas. O estigma, portanto, é sempre relacional: ele emerge do olhar do outro, da circulação de representações sociais e da estrutura de reconhecimento vigente. Ainda assim, Goffman aponta que o estigma pode ser ressignificado, especialmente quando os sujeitos encontram espaços de interação e discurso que permitem reconstruir sentidos, criar alianças, compartilhar experiências e elaborar identidades alternativas àquelas impostas pela sociedade. Essa noção de dinâmica identitária abre espaço para intervenções pedagógicas e sociais capazes de deslocar narrativas estigmatizantes — elemento decisivo para projetos como o UNISALE Parceria Universidade-Escola.

A reflexão de Coracini (2003; 2007) acrescenta a dimensão discursiva e psicanalítica da subjetivação, especialmente no ensino de línguas. Para a autora, a identidade não é uma essência a ser descoberta, mas um processo contínuo de identificação com o outro, marcado por múltiplas vozes, discursos e posições. Em obras que articulam Linguística Aplicada e psicanálise lacaniana, Coracini (2003; 2007) problematiza a identidade brasileira como produto do “olhar do outro” — sobretudo do estrangeiro — que historicamente constitui o sujeito por meio de representações recíprocas. A imprensa escrita, com seu poder de fomentar “verdades”, cristaliza estereótipos como desorganização, desonestidade, violência, consumismo e subordinação, produzindo memórias discursivas que reforçam uma posição subalterna do Brasil. Essa internalização, prossegue a autora, é resultado da repetição

mediática, que fixa sentidos e orienta modos de ver a si mesmo. Nesse quadro, a autora propõe a metáfora de “matar o pai” simbólico, isto é, romper com a lei ou tradição que impede a emergência da singularidade, como condição para que o sujeito possa assumir sua própria existência cultural. Nessa perspectiva, a identidade é compreendida como um processo sempre naturalizado, mas nunca fixo; constituído no entrelaçamento de discursos, desejos e olhares que disputam seu sentido.

Ao relacionar esses referenciais, compreendemos o UNISALE Parceria Universidade-Escola como um espaço discursivo capaz de produzir deslocamentos significativos nas formas de subjetivação e nos modos de olhar o outro. Sob a perspectiva de Larrosa, o UNISALE Parceria Universidade-Escola cria condições de experiência: práticas de escuta, diálogo, leitura e co-presença que permitem que algo toque e transforme os sujeitos envolvidos, docentes e discentes. A experiência, assim entendida, não é conteúdo, mas acontecimento — um encontro que produz sentido e reinscrição simbólica. À luz de Goffman, esse espaço possibilita a ressignificação do estigma que marca sujeitos privados de liberdade, oferecendo interações nas quais a identidade não é reduzida à marca social, mas reconstruída discursivamente por meio da participação, da escuta e do reconhecimento. A interação mediada pela linguagem torna-se, portanto, um terreno de disputa e reconstrução de sentidos estigmatizados.

Por fim, em diálogo com Coracini, o UNISALE Parceria Universidade-Escola se apresenta como lugar de subjetivação que desafia a lógica midiática que cristaliza a figura do “outro perigoso”, “desorganizado” ou “subalterno”. A escuta ativa e a circulação de narrativas em sala de aula reconfiguram o olhar do outro — interno e externo — e permitem ao sujeito elaborar novas formas de se reconhecer e ser reconhecido. O encontro com a língua estrangeira, nesse sentido, amplia o espaço do entre-línguas e do entre-discursos, favorecendo o estranhamento produtivo que desestabiliza identificações fixas e abre possibilidades de resistência. Assim, o UNISALE Parceria Universidade-Escola funciona como dispositivo discursivo que incorpora a experiência transformadora (Larrosa), opera na reconfiguração do estigma (Goffman) e promove reinscrições subjetivas (Coracini), articulando formação ética, crítica e sensível no encontro com o outro.

A AÇÃO QUE É ESCUTA: METODOLOGIA

A fim de analisar as ações realizadas pelo projeto em duas unidades prisionais e as implicações de tais ações, o presente estudo está ancorado em uma abordagem qualitativa de caráter interpretativista, orientada pelos princípios e procedimentos da Análise de Discurso franco-brasileira, que entende a linguagem como prática social e constitutiva dos sujeitos. Nosso percurso metodológico busca, desse modo, compreender como as ações extensionistas do UNISALE Parceria Universidade-Escola edição Priv-AÇÃO de Liberdade produzem deslocamentos discursivos e transformações subjetivas nos participantes — professores, voluntários e bolsistas — os quais passam a ecoar, em seus relatos de forma anônima, as vozes dos alunos em situação de privação de liberdade, uma vez que os materiais produzidos por estes não puderam ser coletados, dadas as especificidades restritivas desse contexto.

O *corpus* é composto por materiais e registros produzidos ao longo da execução do projeto, incluindo (1) materiais didático-pedagógicos de língua inglesa elaborados no âmbito do projeto e aplicados em contexto de privação de liberdade; (2) narrativas e registros de visitas técnicas e trabalhos de campo em instituições prisionais, escritos por bolsistas, voluntários e professores participantes, antes e depois das ações formativas.

Esse *corpus* foi analisado como lugar de memória e de produção de sentidos, nos quais se entrelaçam discursos acadêmicos, pedagógicos e sociais. O processo de análise envolveu a sistematização das ações, a leitura e interpretação dos discursos produzidos e a observação dos deslocamentos identitários e éticos emergentes.

Afirmamos, por fim, que a perspectiva metodológica ancora-se na Análise de Discurso franco-brasileira, articulando os conceitos de formação discursiva, posição-sujeito e memória discursiva. Tais conceitos foram dialogados com conceitos trazidos por Larrosa (2018) sobre experiência e alteridade, Coracini (2003, 2007) sobre identidade e ensino de línguas, e Goffman (2004) sobre estigma e representação social. Tal percurso teórico-metodológico nos permite compreender os enunciados, não como simples descrições, mas como gestos de interpretação que ressignificam o que se entende por ensino, liberdade e humanidade em contextos de privação de liberdade. Desse modo, o trabalho metodológico se estrutura não apenas como investigação, mas como prática extensionista de escuta e de

partilha, dentro da qual a universidade se faz AÇÃO, presença e interlocutora em contextos historicamente silenciados.

EFEITOS DE SENTIDO ROMPENDO O ANTIGO SER

A análise do material de língua inglesa se organiza em dois grandes eixos analíticos: (1) os materiais pedagógicos e discursivos produzidos no projeto (*My Farm*, *Plantação*, *I Can*, entre outros) e (2) os registros reflexivos e enunciativos provenientes da visita técnica. Esses conjuntos enunciativos foram compreendidos como lugares de produção de sentidos e de memória (Orlandi, 2001), nos quais se inscrevem vozes, experiências e deslocamentos identitários de sujeitos historicamente silenciados.

1. Materiais utilizados: linguagem, língua, corpo e reexistência

Os materiais desenvolvidos são resultado de demandas apresentadas pelo professor de língua inglesa parceiro do projeto UNISALE Parceria Universidade-Escola que foram apresentadas a partir de encontros. Após o desenvolvimento de cada material, uma reunião era realizada com o professor a fim de se realizar ajustes necessários e compreender se o material estava de acordo com a sua necessidade. Desse modo, nossa demanda era desenvolver um material que pudesse ser utilizado pelas sete turmas do professor, sendo elas ensino fundamental e ensino médio, utilizando um material que tivesse relação com a vida dos alunos, assim, eles poderiam se sentir parte da aula. Dessa forma, o tema condutor dos materiais desenvolvidos para as aulas de língua inglesa foi agricultura, partindo da experiência de vida comum entre os alunos. Buscamos assim, através do tema plantação, relacionar as etapas vivenciadas nessa ação com as emoções e processos da vida que também precisam ser cultivados e exigem um tempo para crescer.

Ao todo foram desenvolvidos sete materiais e sete planos de aulas, com duração de trinta minutos. Os planos de aula além de conterem tópicos como contexto, objetivos, possíveis problemas e soluções, entre outros, conta também com as etapas da aula como *warm up*, pré-atividade, atividade e pós-atividade. Além disso, apresentamos no plano a

duração, descrição, objetivos, exemplos e materiais necessários de cada etapa. Optamos por adicionar também aos planos de aula, anexos, em que apresentamos de forma mais detalhada explicações gramaticais, quadro de pronúncia e *links* relacionados às mesmas. Buscando apresentar um plano de aula mais detalhado para auxiliar na execução do mesmo.

Durante as análises dos planos de aula “*My Farm*” e “Plantação”, mostram que o inglês foi apresentado como prática de esperança e (re)existência. Nos planos “*My Farm*” e “Plantação”, o verbo plantar assume valor simbólico e discursivo: desloca-se de seu campo semântico literal (trabalho agrícola) para o metafórico (“plantar amor”, “plantar esperança”). Tal gesto lexical, como propõe Larrosa (2018), constitui uma experiência transformadora, na medida em que o ato de dizer “*I’m going to plant love*” performa o futuro e reinscreve o sujeito privado de liberdade como alguém capaz de sonhar e projetar. Assim, o inglês deixa de ser língua estrangeira e torna-se língua de aproximação, veículo de afeto e recomeço.

Esse deslocamento rompe a formação discursiva da punição e introduz a formação discursiva da esperança, na qual a aprendizagem da língua funciona como resistência simbólica e afirmação de humanidade.

Além disso, na proposta “Plantação Aula 3”, a palavra e o afeto são vistos, ouvidos e sentidos como gestos de reumanização, quebrando assim os estigmas que circulam esses alunos e o ambiente. A atividade centrada na nomeação de sentimentos e valores — *love, respect, gratitude, confidence, resilience* — constituem o que Coracini (2007) denomina de processos de subjetivação pela linguagem. Ao nomear afetos em outra língua, o sujeito se reinscreve discursivamente como ser de desejo e linguagem, vivenciando o aprendizado linguístico como aprendizado de si, sendo assim, a linguagem é esse lugar de encontro (Reis, Campos, 2021) e configura-se como uma ação de gesto libertador, de reconstrução de identidades que foram marcadas pelo estigma (Goffman, 2004).

Para mais, a proposta “Aula Mural e *My Farm* (Aula 3)” e o material “Plantação Aula 3” introduzem voz, corpo e experiência ao trabalhar com sons e ritmos da língua, como o fonema /i:/ e as construções com *be going to*. O gesto pedagógico de alongar a vogal com o sorriso sugerido pelo professor reintroduz a voz como materialidade da experiência (Larrosa, 2011). Falar, cantar, repetir e representar são gestos de existência — a oralidade devolve voz aos sujeitos e o corpo torna-se lugar de aprendizagem.

Nesse sentido, a língua é vivida não como código, mas como ato performativo de presença, em que o som e o corpo se unem para reinscrever o sujeito no discurso. No espaço prisional, a voz, tantas vezes silenciada, torna-se gesto de resistência e criação.

Por fim, analisamos o folder da II Jornada UNISALE Parceria Universidade-Escola que mostra universidade como espaço de escuta e presença, reforçando o papel da universidade como instância de escuta e co-presença. O enunciado recorrente “A educação constrói pontes que levam à esperança” sintetiza o gesto discursivo da travessia, no qual a universidade rompe o isolamento institucional e estabelece relações de alteridade e reconhecimento.

Essa dimensão simbólica da “ponte” configura o movimento ético-político do projeto, ao construir o encontro entre o “dentro” e o “fora”, o “dito” e o “silenciado”. Como propõe Goffman (2004), há aqui uma reversão simbólica do estigma: o olhar sobre “o preso” é substituído pelo olhar sobre “o humano”.

2. Síntese interpretativa

O conjunto de materiais e registros analisados constrói uma rede de sentidos em que o ensino de línguas se desloca de um fazer técnico para um ato ético e estético de reexistência. O inglês é ressignificado como língua de afeto e esperança; o professor, como mediador de escuta e presença; e o aluno, como sujeito de linguagem, história e transformação. As práticas examinadas materializam o que Larrosa (2018) denomina saber de experiência — aquilo que “nos passa e nos transforma” — e o que Coracini (2003) descreve como o encontro entre o eu e o outro pelo discurso, espaço em que o sujeito se constitui e se reinventa.

O percurso interpretativo do *corpus* revela o movimento formativo da experiência extensionista: da escuta da demanda do professor e de seu contexto, colocando-nos inteiramente a seu serviço em um movimento de ida que rompe barreiras que distanciam universidade-escola e perpassa a proposição ético-pedagógica, até a elaboração afetiva e reflexiva do material didático e seus desdobramentos linguísticos e simbólicos. Em todos os momentos, podemos observar o atravessamento de vozes e o deslocamento de sentidos,

produzindo uma rede discursiva em que a linguagem se torna espaço de encontro, de memória e de resistência.

Desse modo, o projeto UNISALE Parceria Universidade-Escola Priv-AÇÃO de Liberdade não apenas leva a universidade para além de seus muros, mas rompe muros simbólicos e subjetivos, reinscrevendo sujeitos privados de liberdade como produtores de narrativas, saberes e humanidade. No cruzamento entre ensino, pesquisa e extensão, o projeto encarna os saberes da experiência (Larrosa, 2018), reafirmando a potência ética, estética e política da linguagem como prática de transformação social e como ação de liberdade.

Escuta e abertura para o outro na Visita Técnica e no Trabalho de Campo: A Universidade Vai À Prisão

Nessa subseção, analisamos narrativas escritas por participantes no formulário “Visita Técnica e Trabalho de Campo: A Universidade Vai à Prisão!”, que reúne impressões de voluntários e bolsistas do projeto, sendo alunos tanto da graduação, quanto da pós-graduação da Faculdade de letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Nas narrativas escritas antes da visita técnica, revelam uma mistura de curiosidade, empolgação e apreensão, representando a experiência simultaneamente como desejada e temida: “Fico um pouco preocupada em como vou reagir emocionalmente durante a visita”; “Quero estar aberta, mas também preparada para lidar com isso de forma respeitosa” (RELATO ANÔNIMO, formulário *Escuta – Antes da Visita*, Google Forms).

Podemos apreender nesses excertos aquilo que Larrosa (2011) chama de “disposição à experiência”, um estado de vulnerabilidade frente ao desconhecido que abre espaço para o encontro com o outro. O medo, a curiosidade e a empatia coexistem em tensão, configurando um movimento discursivo de abertura ética, em que o sujeito reconhece seus limites e expectativas. As respostas indicam, portanto, uma posição-sujeito que se desloca da “certeza universitária” para a escuta do “imprevisível prisional”, instaurando importantes gestos de ruptura com o imaginário do estigma.

Durante a visita técnica, realizamos o trabalho de campo intitulado *Construindo Pontes de Esperança: Educação e Reflexão no Sistema Prisional*. Esse trabalho foi elaborado

coletivamente por bolsistas e pela professora coordenadora do Projeto, em um movimento importante para que a ida à prisão acontecesse e perpassasse todos os participantes, internos ou da universidade, como experiência (Larrosa, 2011, 2018). O plano evidencia, em seu objetivo geral, a dimensão política e afetiva do encontro: “Promover a troca de experiências entre os jovens graduandos e os detentos, estimulando a reflexão sobre desafios, superação e o poder transformador da educação”.

As etapas descritas — Abertura e Boas-Vindas, Roda de Conversa, Atividade de Expressão: Projeto de Esperança e Apresentação dos Projetos — revelam uma pedagogia do encontro e da escuta ativa, centrada no diálogo e na partilha. O léxico do plano (“troca”, “esperança”, “respeito”, “empatia”) reitera o compromisso ético com a reumanização dos sujeitos. Em termos discursivos, há uma reversão simbólica do estigma (Goffman, 2004): o espaço da punição é reinscrito como espaço de produção de sentidos, e a figura do “preso” (pessoa privada de liberdade) cede lugar à do “participante”.

Assim, o plano aqui descrito configura-se como eixo mediador entre teoria e prática, articulando o ideal formativo às experiências concretas vividas no contexto de privação de liberdade. Ao fazê-lo, materializa o princípio freireano da extensão como diálogo, segundo o qual a extensão universitária não se baseia na transferência vertical de conhecimento, mas na construção compartilhada de saberes entre sujeitos. Essa perspectiva, incorporada pelo UNISALE Parceria Universidade-Escola em suas ações, reafirma a extensão como prática de transformação social, capaz de produzir encontros éticos e de promover gestos de liberdade nos espaços historicamente marcados pelo silenciamento.

Analizamos, por fim, relatos escritos após a visita técnica, nos quais os participantes narram a experiência vivida. As respostas mostram o deslocamento subjetivo produzido pela vivência e a reconfiguração do olhar sobre o sistema prisional. Uma das falas sintetiza esse movimento:

Após a experiência, o descaso do sistema prisional com os internos foi o foco dos pensamentos. Escutar os indivíduos privados de liberdade falarem sobre como são desumanizados... gerou reflexões acerca do conceito e objetivo de unidades prisionais para a sociedade. (Relato de visita técnica. Acervo projeto UNISALE)

Os relatos analisados apresentam três movimentos discursivos principais:

1. Transformação da percepção — o olhar inicial de medo ou estranhamento cede lugar à empatia e ao reconhecimento do outro como sujeito de direito;
2. Afetação e aprendizagem — o encontro gera deslocamentos de identidade (“Aprendi, portanto, com essa vivência, a olhar para o próximo não apenas com mais compreensão, mas também enxergando mais potencial.”);
3. Esperança e compromisso ético — a visita é narrada como experiência de reumanização (“Vi que muitos deles se mostraram genuinamente felizes por serem ouvidos e notados.”).

Observamos efeitos de sentido que se deslocam do “controle e vigilância” para sentidos centrados na alteridade e na escuta. Como em Larrosa (2018), a experiência deixa de ser apenas objeto de relato e torna-se ato de constituição do sujeito. A esperança, repetidamente evocada nos relatos analisados, emerge como eixo discursivo e afetivo, capaz de ligar o aprendizado à possibilidade de transformação social.

FORMAÇÃO DO NOVO

A análise dos relatos e das produções pedagógicas e reflexivas do projeto UNISALE Parceria Universidade-Escola Priv-AÇÃO de Liberdade revelam um processo de **ressignificação discursiva e subjetiva** em torno da linguagem, da experiência e da presença. As práticas analisadas evidenciam deslocamentos que vão da representação da punição para a construção simbólica da esperança, reafirmando o potencial da educação como ato de reexistência e da linguagem como espaço de autoria, de transformação social e de ação libertária.

Nos enunciados dos participantes e nos materiais produzidos, observa-se um movimento discursivo que desloca o foco da falta e da dor para o gesto de reconstrução. O verbo “plantar”, presente na atividade *My Farm*, ilustra esse gesto de esperança: ao dizer “*I’m going to plant love*”, o sujeito se reinscreve como agente de um futuro possível. O simples ato de enunciar se torna prática performativa, rompendo o silêncio imposto pela instituição e afirmando a capacidade de desejar e de criar. Assim, a aprendizagem da língua

(inglesa) e linguagem deixa de ser apenas uma atividade técnica para se configurar como **ato político e afetivo**, em que a palavra semeia novas formas de existir.

O trabalho com o vocabulário afetivo — *love, respect, gratitude, confidence, resilience* — aprofunda essa dimensão humanizadora. Nomear sentimentos em outra língua possibilita ao aprendiz reconhecer-se como **sujeito de desejo e linguagem**, o que rompe com a lógica da desumanização e restabelece o direito de sentir e de narrar. Cada palavra, nesse contexto, carrega uma potência formativa: falar de amor e de respeito é resistir à objetificação e afirmar-se como humano. O ensino de línguas, assim, transforma-se em **ensino da humanidade**, articulando afeto, ética, criação como ação de liberdade.

A oralidade, por sua vez, manifesta-se como gesto de presença e resistência. Em atividades que exploram o ritmo, o som e o corpo — como o alongamento da vogal /i:/ com o sorriso sugerido pelo professor —, a voz retorna como materialidade do sujeito. Falar, cantar e repetir tornam-se práticas de afirmação, pois reinscrevem no corpo e na linguagem a possibilidade de ser ouvido. O som, nesse contexto, é também um gesto político: devolver voz a quem foi silenciado é afirmar o direito de existir via uso da palavra, via práticas discursivas.

As narrativas de todos os participantes (bolsistas, professora e voluntários) antes e depois da visita técnica reforçam esse movimento de **transformação pela escuta**. O medo e a curiosidade iniciais cedem lugar à empatia, à reflexão e ao reconhecimento da humanidade do outro. Um dos relatos sintetiza esse deslocamento ao afirmar: “**Entendi que a privação é do espaço, não da humanidade.**” A escuta, nesse caso, não é apenas um ato de atenção, mas uma forma de aprendizado que desestabiliza certezas e produz novas compreensões sobre o humano. Nessa abertura à alteridade, a experiência cumpre sua função formadora: transforma tanto quem fala quanto quem ouve.

A universidade, ao se fazer presença nesses espaços, reafirma seu papel como **ponte entre mundos**. O enunciado recorrente nos materiais e eventos do projeto — “**A educação constrói pontes que levam à esperança**” — expressa essa missão ética de criar vínculos, promover o diálogo e desafiar fronteiras (Reis *et al* 2022). A presença universitária no cárcere não é apenas institucional; é simbólica e afetiva, pois rompe o isolamento histórico entre os espaços da produção de saber e os da exclusão social. A ação extensionista do

UNISALE Parceria Universidade-Escola, nesse sentido, consolida-se como prática de resistência e de solidariedade, sustentando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do *corpus* evidencia que a linguagem, ao ser vivida como espaço de encontro, afeto e autoria, possui força de transformação simbólica e social. O projeto mostra que o ensino de línguas pode ultrapassar as fronteiras do instrumental e tornar-se uma experiência humanizadora, capaz de restaurar o sentido da palavra e da escuta em contextos marcados pela exclusão. Os resultados revelam que o processo extensionista atua de forma recíproca: transforma tanto os sujeitos em privação de liberdade quanto os extensionistas, ao fazê-los repensar o papel da universidade e o sentido da educação pública. A sala de aula, o pátio e o plantio tornam-se espaços de produção de saberes e de convivência, onde o ensinar e o aprender se entrelaçam com o viver e o sentir.

Entretanto, é fundamental reconhecer desafios metodológicos e operacionais que atravessam esta análise e tensionam a própria materialização de uma colaboração genuína entre universidade e escola em contexto de privação de liberdade. Um deles refere-se à dificuldade de coletar e sistematizar os trabalhos produzidos pelos alunos privados de liberdade, bem como seus relatos diretos sobre a experiência vivenciada. Em razão dessas condições, nem todos os materiais puderam ser acessados ou incorporados ao *corpus*, que se constitui majoritariamente a partir dos registros dos bolsistas, da professora e dos voluntários. Tal limitação não invalida os efeitos formativos e os deslocamentos subjetivos observados, mas evidencia a necessidade de, em investigações futuras, ampliar e diversificar estratégias de escuta, registro e circulação das produções e das vozes dos próprios alunos, de modo a aprofundar a compreensão das experiências vividas e dos atravessamentos que marcam a relação entre universidade, escola e sujeitos em contextos de privação de liberdade.

O *corpus* analisado constrói sentidos de esperança, humanização e reexistência, fazendo emergir deslocamentos discursivos que ressignificam as relações entre língua, sujeito e

mundo. O ensino de inglês em prisões configura-se, assim, como gesto político e ético: rompe o silêncio e reinscreve sujeitos, rompendo com estigmas e barreiras históricas que os desumanizam tornando o ensinar e o aprender um caráter de resistência e de afirmação da vida. A universidade, torna-se lugar de escuta, alteridade e transformação. Assumindo um papel de presença e co-participação, transformando o contato com o outro em experiência formadora. Essa escuta encarnada e afetiva reafirma a função pública da universidade como espaço de diálogo e corresponsabilidade ética.

O projeto UNISALE Parceria Universidade-Escola desloca os muros físicos e simbólicos, reconfigurando os sentidos de ensino, sujeito e liberdade. Ao entrelaçar ensino, pesquisa e extensão, o projeto demonstra que a educação é, sobretudo, um gesto de esperança e de reexistência, capaz de humanizar o olhar, restaurar a palavra e construir pontes entre o dentro e o fora, o eu e o outro, o silêncio e a voz, entre a prisão e a liberdade.

REFERÊNCIAS

CORACINI, Maria José. “A celebração do outro”: arquivo, memória e identidade. Campinas: Pontes, 2007.

CORACINI, Maria José. “Língua estrangeira e língua materna”: entre lugares e fronteiras. Campinas: Pontes, 2003.

GOFFMAN, Erving. “Estigma”: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

ORLANDI, E. P. “Análise de Discurso”: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2001.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971/1983.

REIS, Valdeni da Silva; CAMPOS, Isabela de Oliveira. “Onde está a universidade?”: do FAdiscurso da (des)qualificação à presença colaboradora. Revista Imagens da Educação, Maringá, v. 11, n. 2, p. 190-211, abr./jun. 2021.

REIS, Valdeni da Silva; CAMPOS, Isabela Oliveira; ARCHER, Carolina Fernandes; BARROS, Nathalie Alacoque; NASCIMENTO, Brenda Kelly Lopes do; MARTINS, Anna

Flávia Souza; GOMES, Esther Rocha; DOMINGOS, Pedro Henrique Carvalho; SILVA, Kely Cristina. “A transgressão da extensão universitária nas fronteiras do aqui-agora”: o ensino-aprendizagem de línguas amanhã e além. Revista Linguagem & Ensino, Pelotas, v. 25, n. 2, p. 431-457, 2022.

REIS, Valdeni da Silva; ARCHER, Carolina; SILVA, Kely Cristina; BARROS, Nathalie Alacoque; NASCIMENTO, Brenda Kelly Lopes do. “A universidade e a travessia para um novo tempo”: interrogando o (não) ser feliz em tempos incertos. Revista Interdisciplinar, v. 9, n. 5, p. 1-24, 2024. ISSN 2448-0916.